

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

GIOVANA MELLO COSTA CARRASSARI

**EDUCAÇÃO INFANTIL: A ARTE DAS CORES NOS
DESENHOS DAS CRIANÇAS**

**SÃO PAULO
2023**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

GIOVANA MELLO COSTA CARRASSARI

**EDUCAÇÃO INFANTIL: A ARTE DAS CORES NOS
DESENHOS DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de **Pedagogo**, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Orientadora: Prof.^a Maria Luiza Andreozzi

**SÃO PAULO
2023**

MEMORIAL

Nasci e cresci na Zona Sul de São Paulo, na casa dos meus bisavôs e da filha deles, minha avó. Meus pais me tiveram muito novos, então essas pessoas desde sempre foram uma rede de apoio muito importante na minha criação. Acredito que já tenha falado sobre isso para alguns colegas e professores, mas mesmo para os que não falei, é possível perceber que sou muito ligada à minha avó. Eu e minha irmã costumamos dizer que somos quase “filhas de vó”.

Desde muito nova sempre fui ligada às artes, e tive um incentivo muito grande da minha família. Me lembro de vários finais de semana em que ia com a minha irmã na Galeria do Rock; ou quando meu tio, que é músico, me deu aulas de guitarra; também de diversos shows que meu pai me levava quando eu não tinha idade para ir desacompanhada; ou até mesmo de cursos e materiais artísticos (como uma paleta de lápis aquareláveis gigante que amava) que minha família se esforçava para me proporcionar.

Por esse incentivo e por naturalmente ser muito interessada por tudo que envolvia a linguagem artística, tive diversos hobbies. Tive a era dos instrumentos musicais, tendo aprendido a tocar o violão e um pouco de teclado; construí uma imensa coleção de CDs e LPs; desenhava e pintava bastante, aprendi a tatuar, tinha até um álbum de pinturas e outro lotado de croquis de moda (quando criança meu sonho era ser estilista).

Inspirados pela minha conexão com as artes, no ano de 2019 meus tios me matricularam em um curso de desenho, que teve um ano de duração e ocupava as minhas tardes de quarta-feira, já que estudava apenas no período da manhã. Mais ou menos na mesma época, fui incentivada pelos meus professores e por outros funcionários da minha escola a dar aulas particulares para crianças que estavam tendo dificuldades na aprendizagem. Acredito que por conta dessa experiência, e por conta da participação ativa na educação dos meus irmãos mais novos (que nasceram em 2014 e 2016), acabei criando amor pela prática educativa e pelas crianças.

Voltando ao curso de desenho, nele fui impactada por diversos estudos, inclusive o das cores - estudo do círculo cromático, cores complementares, efeitos psicológicos das cores -, um pouco antes, minha irmã havia feito um curso de Comunicação e Multimídia, onde ela estudou bastante a influência das cores na comunicação. Por conta desta coincidência, “trocamos figurinhas” sobre a temática, principalmente sobre os estudos de Goethe, A Teoria das Cores, e o livro de Eva Heller, A Psicologia das Cores, e isso tudo me ajudou muito tanto na escolha do tema para este trabalho, quanto para a elaboração dele.

No período pré-vestibular o curso de Artes Visuais era uma das minhas opções de escolha, mas optei pela educação e não me arrependo da escolha. Em 2020 ingressei na faculdade. Tinha apenas 19 anos e muito entusiasmo pela vida universitária. Afinal de contas, desde que escolhi a pedagogia, fazer PUC-SP sempre foi como um sonho para mim, para a minha avó e irmã mais velha. Porém, logo que entrei na faculdade, poucos dias depois do acolhimento dos calouros, o mundo parou em decorrência da COVID-19. Toda aquela vivência universitária e todos aqueles planos que eu e os colegas tínhamos para aquele primeiro ano, foram, de certa forma, prejudicados. Entramos no modo de ensino on-line.

No começo foi muito difícil para nós, a maior parte da nossa turma não tinha nem 20 anos. Então, ter que dar conta dos novos estudos da faculdade e viver no meio de uma epidemia mundial cujo efeitos foram cruéis, foi de uma carga emocional muito grande para nós. Mas, acredito que nossa turma de pedagogia, e todos os profissionais da educação foram muito resilientes nessa época muito difícil para todos.

Apesar de não ter escolhido uma graduação em artes, e sim em educação, nunca deixei de lado o meu amor pela expressão artística, e, durante os meus estudos no curso de pedagogia e na minha experiência como estagiária em pedagogia, percebi que as artes, e as cores, estão muito presentes na escola, e que, apreciar e entender um pouco mais sobre elas pode ser interessante e importante para o desenvolvimento da criança e do ambiente escolar.

Em alguns trabalhos desenvolvidos, principalmente durante o primeiro ano de faculdade, onde exploramos bastante a Educação Infantil, estudei os desenhos das crianças, e como elas utilizam dessa ferramenta para se comunicar e se expressar. Me apaixonei pela temática e pela Educação Infantil.

No terceiro ano da faculdade, em 2022, mudei para outra escola e comecei a estagiar na Educação Infantil (na outra escola eu estava com uma turma de 1º ano). Me identifiquei muito com a faixa etária e acredito que muito disso se deve ao fato que na Educação Infantil as artes estão muito presente nos cotidianos das crianças. Então, cada vez mais fui percebendo que esse era o meu lugar. Esse ano completo meu segundo ano trabalhando com o Maternal 1 e espero que ano que vem possa continuar com Educação Infantil, pois é a minha paixão.

Depois da graduação desejo me aprimorar na educação artística e realizar, quem sabe, uma pós com o foco em artes ou relacionado a socioemocional, que super se encaixa no meu tema de TCC.

Acredito que o que faz um educador é a constante vontade de aprender e conhecer, mas principalmente o anseio de compartilhar com seus alunos esses aprendizados. Por isso, pretendo continuar sempre me aprimorando para que assim, minhas aulas também se tornem cada vez mais proveitosas para os meus alunos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram a minha caminhada até aqui. Dedico também aos educadores que entendem a importância da arte e a sua subjetividade.

AGRADECIMENTOS

Devo tudo que tenho e sou a minha avó e minha irmã, que sempre me apoiaram muito nas minhas escolhas, nos meus hobbies mais malucos, e me ajudaram e ainda me ajudam muito a construir quem eu sou. Quando chego em casa, quando tenho uma novidade para contar, ou uma tristeza ou frustração para desabafar, são elas que eu procuro. Acredito que isso diga muito sobre quem são os nossos porto-seguro. Agradeço todas as alegrias compartilhadas e os desentendimentos, pois são essas vivências que nos formam e eu estou gostando muito do caminho que venho trilhando e construindo.

Deixo aqui o meu sincero obrigada também ao meu pai, que com muito esforço e carinho se juntou a minha avó para me proporcionar os estudos da educação básica, mas os meus estudos na PUC-SP. Sei que não foi fácil, mas saibam que vocês têm minha eterna gratidão e admiração. Agradeço o meu melhor amigo e companheiro, Henrique, por todo o apoio durante os momentos bons e ruins, e principalmente por ter me incentivado quando nem eu acreditava que iria finalizar esse trabalho (obrigada também pelo notebook em que estou escrevendo agora). Gostaria ainda de prestigiar meus dois irmãos mais novos, que enchem meu coração de amor e vontade de ser sempre a minha melhor versão.

Muito obrigada à minha orientadora Maria Luiza Andreozzi por compartilhar do meu entusiasmo pelo tema, sugerir diversos textos e teóricos que foram fundamentais para o meu trabalho, e por todo o tempo, atenção e apoio.

Agradeço inclusive a mim mesma por ter persistido e por ter transformado muitas experiências ruins e traumas em resiliência e amor. Falo em amor, pois acredito que a profissão do educador é uma profissão baseada no amor e na generosidade. Diariamente nós desaprendemos um pouco do nosso ego e aprendemos a enxergar também as necessidades de outros seres em formação. Temos o anseio de compartilhar ensinamentos, e de compartilhar aprendizados necessários para o voo da vida. Esse processo de troca alimenta o meu ser todos os dias, então aproveito para agradecer, por fim, os meus alunos e futuros alunos. Que eu possa ainda por muitos anos ser feliz ensinando e aprendendo.

EPÍGRAFE

“(...) a vida são cores. Tudo é cor. O que existe, existe na cor e pela cor”.

(Carlos Drummond de Andrade, 1969)

RESUMO

CARRASSARI, Giovana Mello Costa. A Importância do Estudo do Uso das Cores nos Desenhos das Crianças da Educação Infantil.

Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP 2023

Considerando o objetivo desta pesquisa – defender a importância de estudar o uso das cores nos desenhos das crianças da Educação Infantil, foram analisados alguns autores. Poucas pesquisas com essa temática específica foram realizadas. Por isso, para este trabalho, foi estudado separadamente as cores e suas influências e significados; e o desenho como forma de linguagem e expressão da criança, chegando a definir esse conjunto articulado como arte das cores.

Para o estudo dos desenhos e da arte, utilizei principalmente Vygotsky (através de comentadores de sua obra, especialmente “Psicologia da Arte”) e outros autores que me deparei durante o estudo de artigos e livros. Para aprofundamento do estudo das cores utilizei Goethe (1810) e Heller (2012).

Se já sabemos que as crianças se expressam através de seus desenhos, e que os seres humanos em geral relacionam sentimentos e se expressam por meio das cores, por que não defender que as crianças podem utilizar das cores para se expressar em seus desenhos? Junto a isto, defender o estudo, feito pelos educadores, acerca do uso das cores nos desenhos das crianças, a fim de aprimorar sua prática pedagógica em prol do melhor desenvolvimento de seus alunos, ampliando o olhar do educador sobre a produção de seus alunos.

Nesse sentido, julgo relevante minha elaboração de TCC: “Educação Infantil: a arte das cores nos desenhos das crianças”.

PALAVRAS - CHAVE: Educação Infantil; Desenhos; Cores; Sentimentos; Emoções.

ABSTRACT

CARRASSARI, Giovana Mello Costa. A Importância do Estudo do Uso das Cores nos Desenhos das Crianças da Educação Infantil.

Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP 2023

Considering the objective of this research – to advocate for the importance of studying the use of colors in drawings created by preschool children, several authors have been analyzed. Few studies with this specific theme have been conducted. Therefore, for this work, colors and their influences and meanings, as well as drawing as a form of language and expression for children, were examined separately, but, articulated, both studies were defined as Art of Colors.

For the study of drawings and art, I primarily drew upon Vygotsky (through commentators of his work, especially “The Psychology of Art”), but also consulted other authors during the review of articles and books. For a deeper exploration of the study of colors, I relied on Goethe (1810) and Heller (2012).

If we already know that children express themselves through their drawings, and that humans in general relate emotions and express themselves through colors, why not argue that children can use colors to express themselves in their drawings? Alongside this, advocating for educators to study the use of colors in children's drawings in order to enhance their pedagogical practice for the better development of their students, broadening the educator's perspective on their students' production..

In this regard, I consider my elaboration of the thesis "Early Childhood Education: The Art of Colors in Children's Drawings" to be relevant.

KEY-WORDS: Preschool Education; Drawings; Colors; Feelings; Emotions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I. A Arte	15
O ser humano e a sua relação com a arte	15
A arte para as crianças	17
O uso intencional da arte na Educação	19
O desenho infantil	20
II. Arte das Cores	24
Estudos das cores	24
As cores e os sentimentos	25
O uso das cores	32
III. O trabalho com a arte das cores no processo educativo	35
A intencionalidade da criança e a intencionalidade do educador	36
Como trabalhar com a arte das cores em sala de aula	38
Quais os benefícios do trabalho educativo com a arte das cores?	41
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

O estudo das cores se relaciona a diversas áreas do conhecimento e impacta o consciente e o inconsciente dos sujeitos. Existem muitas pesquisas que explicam a relação e influência do uso das cores no comportamento humano (Goethe, 1810; Heller, 2012...), desde a tomada de decisões - como a aplicação dos estudos das cores em publicidades e sinalizações urbanas, até seu uso subjetivo com efeitos psicológicos, como na cromoterapia ou em aplicações artísticas.

Gosto de pensar que as cores estão “dentro” da arte, que engloba os desenhos. A arte e os desenhos, na visão pedagógica - que é o que deve permear este TCC - estão dentro da cultura, que é indissociável da educação, onde darei um foco maior na Educação Infantil, justamente por acreditar que a expressão artística é mais latente durante esse período da vida escolar.

Relacionar o estudo das cores com os estudos acerca dos desenhos infantis não é apenas possível, mas muito proveitoso, pois traz novas ferramentas para análise e interpretação dos desenhos das crianças, e dos próprios sujeitos, o que favorece aos educadores poderem trabalhar com as informações adquiridas com esses estudos, a fim de melhor desenvolver seus alunos.

Como dito antes, durante a pesquisa bibliográfica tive bastante dificuldade de achar documentos que falassem especificamente sobre a análise e interpretação do uso das cores nos desenhos infantis, e acredito que essa temática seja bem específica e talvez ainda tenha sido pouco estudada. Por isso, pesquisei sobre as cores e suas influências - pautados principalmente nos estudos de Goethe (1810) e Heller (2012). Sobre a arte e o desenho como forma de linguagem e expressão da criança me apoiarei principalmente em Vygotsky (através de comentadores de sua obra, especialmente “Psicologia da Arte”).

Goethe é o pai da Teoria das Cores ou Doutrina das Cores (1810), um estudo inovador para a época, que introduz informações sobre as cores, desde a sua composição no círculo cromático e a influência da luz, até no sentido da atuação sobre o psiquismo humano, defendendo que as cores nos causam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares.

Já Heller, que é mais contemporânea, foca totalmente na psicologia por trás das cores, nos mostra, através de pesquisas de campo envolvendo 2 mil pessoas (homens e mulheres alemãs de 14 a 97 anos), a relação das cores com as sensações humanas. Esses

estudos de Heller nos mostram que, a cor vermelha, por exemplo, significa para a maior parte das pessoas a dicotomia de amor/ódio, ou força.

Steiner entende esse processo:

Em que se baseia essa parte didática da teoria das cores de Goethe? Baseia-se no fato de Goethe sempre permear cada cor com uma nuance de sentimento. Assim ele enfatiza o provocativo no vermelho, revelando não apenas o que o olho vê, mas o que a alma sente em relação ao vermelho. De igual maneira ele enfatiza a tranquilidade, o ensimesmamento que a alma sente junto ao azul. Sem quebrar a ingenuidade, pode-se introduzir a criança no mundo das cores de um modo tal que as nuances de sentimento do mundo das cores se ressaltem. (STEINER, 1988, p. 25 apud SOUZA, 2018, p. 18).

De acordo com Ennio Possebon, que escreveu um dos artigos estudados para o desenvolvimento desse estudo, “Goethe introduz informações sobre as cores no sentido de que elas têm caráter próprio, que cada cor tem uma atuação característica sobre o psiquismo humano: elas nos causam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares. (...) Hoje, a Psicologia das Cores esclarece sobre o comportamento e a reação do indivíduo quando submetido à exposição de determinadas cores” (POSSEBON, 2009, p.40). O estudo de ambos - Goethe e Heller, serão de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo, visto que visam analisar as influências das cores nos seres humanos - no caso, neste estudo iremos focar nas crianças pequenas.

Para o estudo dos desenhos e da arte como forma de expressão, utilizei principalmente Vygotsky através de comentadores de sua obra, especialmente “Psicologia da Arte”, por isso, durante a pesquisa acabo citando diversos estudiosos presentes nos artigos que estudei, que oferecem um embasamento teórico que nos ajuda a entender melhor e refletir sobre a importância, as singularidades e as intencionalidades do desenho infantil e da arte como um todo:

“Vygotsky percebia a arte como objetivação dos sentimentos do homem, uma técnica que foi elaborada pelos mesmos para permitir que os homens possam socializar determinados sentimentos e ao mesmo tempo tornar tais sentimentos pessoais, se tornando um componente no psiquismo” (BATAGLIA, 2018, p. 3).

Para ele, “o desenho tem importância enquanto expressão observável da imaginação criadora humana e da constituição social da imaginação enquanto função psicológica cultural, redimensionada pelo pensamento verbal”. (ZOPELARI, 2007, p. 23).

Sarmiento defende que,

“O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebês rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo ato de inscrição - articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer” (SARMENTO, 2011, p. 2).

Sarmento, com esta reflexão, me ajuda a defender a relevância do desenho para a expressão e para a vida da criança. E, se o desenho tem uma importância tão grande, por que muitas vezes deixamos essa expressão artística de lado nas escolas? Ou as tratamos apenas como um "passatempo" e não como ferramentas pedagógicas valiosas para o entendimento daquelas crianças? O educador que possibilita e incentiva esse processo oferece ao seu aluno descobertas e desenvolvimentos muito valiosos para seus alunos, como o autoconhecimento, a expressão artística, a inteligência socioemocional e muitas outras que não são tão facilmente trabalhadas em atividades mais comuns na educação tradicional.

Segundo Luquet,

O desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral. A intenção de desenhar tal objeto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental; o objeto representado é o que, neste momento, ocupará no espírito do desenhador um lugar exclusivo ou preponderante” (LUQUET, 1969 apud ZOPELARI, 2007, p. 18)

Sebastião Santos apresenta em seu trabalho “Estudo de caso – A interpretação do desenho infantil”:

As pessoas gostam de desenhar porque o desenho estimula o seu universo e reflete o seu eu. Nas crianças, o desenho é uma forma de ultrapassar determinadas barreiras, é um instrumento de comunicação e de expressão individual. Quando a criança desenha, ela escolhe o material com cuidado e reflete os seus desejos, dando-nos assim informação muita precisa sobre o indivíduo (FAROKHI & HASHEMI, 2011 p. 2219 apud SANTOS, 2013, p. 75).

Ao longo desta pesquisa, irei unir os conhecimentos das duas pesquisas (sobre os desenhos e sobre as cores) para poder defender que as crianças se comunicam e se expressam através das cores em seus desenhos, e que isso pode auxiliar os profissionais da educação a entenderem melhor seus alunos e elaborar estratégias para ajudar e para potencializar os aprendizados daquelas crianças.

I. A Arte

Para o desenvolvimento da minha tese, achei de extrema importância inicialmente discorrer sobre a arte como cultura, o que ela é, qual a sua importância para os seres humanos e principalmente para a educação. Para isso, irei, em um primeiro momento, falar sobre a relação dos seres humanos com a arte, desde o início das civilizações; depois, da relação das crianças pequenas com a arte, dando foco ao desenho, que é o meu alvo de pesquisa; e por fim do uso da arte e do desenho na educação.

1. O ser humano e a sua relação com a arte

A arte sempre esteve presente na vida dos seres humanos, desde as pinturas rupestres até a arte moderna, segundo Fischer, “A arte é quase tão antiga quanto o homem.” (FISCHER, 1987, p. 20 apud BIESDORF & WANDSCHEER, 2011, p. 1). A arte é uma forma de expressão humana, e através dessa ferramenta, são reveladas informações importantes sobre as diferentes manifestações de civilizações, suas crenças, valores, costumes, acontecimentos históricos, e sentimentos e posicionamentos político-sociais. Buoro destaca que “[...] no percurso da história não há civilização que não tenha produzido arte” (BUORO, 2000, p. 29 apud BIESDORF & WANDSCHEER, 2011, p. 2).

Nas pinturas rupestres, por exemplo, era muito comum utilizar a arte para mostrar acontecimentos da sua vida diária, como a caça, os rituais, entre outros. Nas Artes egípcias, os povos antigos mostravam sua fé e sua espiritualidade na produção de pinturas e esculturas de entidades e faraós, onde os historiadores puderam entender como aqueles povos levavam suas vidas e como eles utilizavam dessa ferramenta como uma espécie de narrativa no ritual de passagem para a vida após a morte.

Mais para frente, as artes medievais tratavam maior parte do tempo sobre a religião, denunciando o impacto e as influências desse fenômeno não só na arte, mas na sociedade como um todo, já que os artistas muitas vezes utilizavam dos seus dons para expressar o que era vivido na época. A arte renascentista veio em contraponto à arte medieval, já que exaltavam o ser humano (antropocentrismo) ao invés de Deus (teocentrismo) em suas produções.

Com o fervor cultural e sociopolítico do século XVIII, principalmente por conta da revolução francesa e iluminismo, a arte entrou em um momento de grandes criações e grandes artistas (arte da idade contemporânea - romantismo, impressionismo, realismo...). Isso nos mostra como os acontecimentos históricos estão intimamente ligados à arte, e ela está presente a todo tempo na história.

Com a chegada do século XX, temos a arte moderna, que foi responsável pelas vanguardas artísticas, que tinha muita inspiração no expressionismo e nos estudos da psiquê humana da época, como a psicanálise, por exemplo. Neste período fica muito latente a relação da psicologia com a arte.

Hoje vivemos o período da arte pós-moderna, que engloba diferentes expressões criativas, como a grafiteagem, vídeo arte, minimalismo, a performance, e entre outros que testemunham a vivência dos homens na contemporaneidade. Esse período artístico nos mostra como os seres, com as mudanças rápidas da sociedade moderna e pós-moderna, criaram diversas formas de se expressar e de intervir na sociedade, acompanhando a rapidez da atualidade, mas não deixando o expressionismo da ferramenta artística de lado.

Para entender um pouco melhor essas interferências socioculturais na mente humana, destaco essa fala de Vygotsky:

“A arte é o social em nós, e o se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais. ... O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. ... A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade.” (VIGOTSKI, 1999, p. 315 apud BARROCO E SUPERTI, 2014, p. 24).

Além de defender que o ser humano expressa suas emoções e sentimentos através da arte, Vygotsky também defende que a arte provocava emoções. Em *Psicologia da Arte*, ele diz que os estímulos artísticos são dispostos para provocar determinada emoção, emoção essa que “Vygotsky tomava as emoções como um fenômeno psicológico cultural, ativo e mutável, que desencadeia ações, ligando demais fenômenos psicológicos uns aos outros.” (BARROCO E SUPERTI, 2014, p. 27). Essa citação, ao longo dessa pesquisa, irá se relacionar bastante com o estudo das cores, seus significados e influências.

Segundo Buoro: “Em cada momento específico e em cada cultura, o homem tenta satisfazer suas necessidades socioculturais também por meio de sua vontade/necessidade de arte” (BUORO, 2000, p. 23 apud BIESDORF & WANDSCHEER, 2011, p. 3). Fischer muito sabiamente diz que: “[...] o artista continua sendo o porta voz da sociedade.” (FISCHER, 1987, p. 51 apud BIESDORF & WANDSCHEER, 2011, p. 3). No texto “Vigotski e o Estudo da Psicologia da Arte: contribuições para o desenvolvimento humano” as autoras defendem que não devemos “compreender a arte como fruto de um homem só, o artista, mas como um objeto cultural, elaborado sob dada técnica construída socialmente, com dada temática para objetivar os sentimentos e, entendemos, as demais capacidades mentais tipicamente humanas.” (BARROCO E SUPERTI, 2014, p. 24).

Com essa pesquisa inicial, pude confirmar que a arte teve e têm papel fundamental tanto para a sociedade como um todo, quanto para o ser humano em sua singularidade. Utilizamos a arte para nos entender, nos expressar, mas para registrar e discorrer sobre fatos significativos da vida política e social, tudo isso, utilizando nossa criatividade e veia artística, produzindo produtos originais e únicos, “A arte está para a vida como o vinho está para a uva”. (VIGOTSKI, 1999, p. 308 apud BARROCO E SUPERTI, 2014, p. 23).

No campo educacional, podemos ver que a arte provoca mudanças no modo que o aluno se entende, vê o mundo a sua volta e se relaciona com o ele. Segundo Buoro (2000 apud BIESDORF & WANDSCHEER, 2011, p. 7), a finalidade da arte na educação é contribuir na formação de indivíduos mais críticos e criativos, que atuarão na transformação da sociedade.

Esse trabalho deve começar na educação desde muito cedo, a Educação Infantil é um momento muito oportuno para a exploração da arte, isso porque, a criança pequena tem muito forte dentro de si as potencialidades perceptivas, imaginativas e fantasiosas, e, ao estar em contato com a arte, ela consegue explorar e materializar tudo aquilo que ela pensa, sente e imagina.

A partir dessa pesquisa sobre a importância da arte para o homem e para seu meio, irei discorrer sobre a importância da arte para a criança, que é meu foco de pesquisa, e sobre o desenho, que foi a ferramenta que selecionei para analisar a capacidade de se comunicar e se expressar através das cores.

2. A arte para as crianças

Como dito anteriormente, a arte sempre esteve presente na vida dos seres humanos, desempenhou, e desempenha até hoje, um papel muito importante em nossas vidas. Por meio da arte nos expressamos, nos satisfazemos, nos comunicamos, discorremos e denunciemos diversos sentimentos e acontecimentos do nosso dia a dia e da nossa sociedade. Mas, qual é a importância da arte para a **criança**? Por que a arte é tão presente no cotidiano da Educação Infantil?

Para iniciar essa discussão, acredito que seja interessante nos perguntar “A arte é um fenômeno biológico ou cultural?”. A importância de fazer e estar com a arte para a criança é puramente biológica? Ou é apenas uma necessidade social? Para Barroco e Superti, ao analisar Vygotsky e sua psicologia da arte, discorrem: “a arte encontra-se em condição de síntese entre o biológico e o cultural, contendo em si o conjunto das

características humanas mais complexas, construído ao longo da história por meio do trabalho e da atividade” (BARROCO E SUPERTI, 2014, p. 23).

A arte tem um papel fundamental no desenvolvimento pleno da criança, em seu viés mais biológico nos permite condições para: o desenvolvimento motor fino ao segurar e manejar ferramentas artísticas; o aprimoramento da atenção e do foco da criança ao demandar tempo e concentração em suas produções; estimula a criatividade e outras atividades mentais ao criar; e entre outros... No viés mais cultural, a criança: desenvolve o autoconhecimento, melhora sua socialização, descobre novas aptidões e entretenimentos, e etc...

Quando falamos do papel da arte, nunca podemos separar sua importância biológica da cultural, e também nunca devemos colocar uma em detrimento da outra. O fazer e estar com a arte é um movimento complexo que envolve diversas dimensões da vida humana. Devemos enxergar essa relação como um movimento de dialética, o desenvolvimento cultural envolve e impulsiona o biológico e vice e versa. Logo, separar os dois pode ser muito prejudicial para o indivíduo, pois diminui a potencialidade de progressos que a criança poderia estar fazendo.

A arte tem fundamental importância, pois ao consumir, produzir e se apropriar da arte, habilidades biológicas, psicológicas e sociais são formadas e desenvolvidas. “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.” (FISCHER, 1976, p. 13 apud BARROCO e SUPERTI, 2014, p. 24).

Ao discorrer sobre a importância da arte para a criança, respondo uma das primeiras perguntas deste capítulo. A arte se faz muito presente na Educação Infantil por conta desse seu caráter de desenvolvimento biológico e cultural, muito trabalhados nesse período da vida, mas, também gostaria de destacar seu potencial de expressão. A criança pequena ainda não domina a expressão escrita, e sua expressão oral se encontra em desenvolvimento, então, a arte, principalmente o desenho, acaba sendo uma ferramenta muito valiosa de expressão para a criança, e de comunicação entre a criança e seus pares, incluindo o educador.

Ainda por conta do seu caráter expressivo e comunicativo, mas desta vez destacando a o processo de autoconhecimento e comunicação consigo mesmo muito presentes na infância, destaco a frase:

A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu processo de sentir. [...] Através da arte pode-se, então, despertar a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir, sobre a qual se elaboram todos os outros processos racionais (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 66, apud RABELO, 2018, p. 24).

Outra questão que deve ser levada em consideração é que, para as crianças pequenas, fazer e estar com a arte é muito prazeroso. Muitos dizem que as crianças são pequenos artistas, acredito que esse tipo de fala se dê porque é clara a facilidade e a intimidade que as crianças têm com a arte. Dê uma folha em branco, um canva, ou até mesmo uma parede (para o desespero dos pais ou responsáveis), e algum tipo de riscador, seja giz, canetinhas, lápis ou até mesmo tinta, e veja como a criança rapidamente se apropria daqueles materiais, tem facilidade de produzir, e principalmente, como elas se divertem e se engajam fazendo isso. Se divertir, fazer as coisas de forma prazerosa é facilitar a compreensão do conteúdo em estudo para aquela criança. Por isso, as práticas artísticas se fazem tão presentes na infância e na Educação Infantil.

Logo, essa ferramenta acaba sendo muito utilizada, de forma orgânica ou intencional, na sala de aula. Pois, assim, ao mesmo tempo que a criança desenvolve suas habilidades biológicas e culturais, ela também se expressa, e os profissionais, ao analisarem as produções conseguem informações muito valiosas sobre aquele indivíduo, podendo pensar em várias formas de se trabalhar com ele para o seu melhor desenvolvimento. Vygotsky defende o “reconhecimento da arte como técnica social do sentimento” (VIGOTSKI, 1999, p. 3 apud BARROCO E SUPERTI, 2014, p. 24).

3. O uso intencional da arte na Educação

Durante muitos anos a arte não foi tratada nas escolas com o devido reconhecimento e importância, muitos acreditavam que ela era apenas uma atividade recreativa, e não uma disciplina ou uma prática que deva percorrer diversos processos educacionais. Como diz Ferreira, “Na opinião de muitos professores, as artes têm um caráter utilitário, meramente instrumental. O desenho, por exemplo, serviria para ‘ilustrar os trabalhos de português, ciências, geografia’” (FERREIRA, 2001, p. 11 apud BIESDORF E WANDSCHEER, 2011, p. 9).

Ainda sobre a desvalorização da arte nas escolas, Buoro discorre: “[...] também os pais colocam o trabalho de artes plásticas na escola em segundo plano, pois se sentem ansiosos com a alfabetização dos filhos e não sabem muito bem a finalidade das aulas de artes” (BUORO, 2000, p. 36 apud BIESDORF E WANDSCHEER, 2011, p. 5).

Para quebrar com esta visão, o profissional da educação deve primeiro compreender a importância da arte nas atividades escolares, para dessa forma conscientizar os educandos e a sociedade, incluindo os pais. É importante e indispensável que o potencial pedagógico e educativo das artes seja entendido e valorizado da mesma forma que as demais disciplinas e áreas do conhecimento.

O ensino de Arte foi incluído no currículo escolar pela LDB de 1971, com o nome de Educação Artística, mas ainda não vista como disciplina. Em 1988, em meio a discussões sobre educação por conta da nova Constituição Federal, o ensino das artes quase foi excluído do currículo escolar. Depois de muitos anos em que as artes não foram valorizadas nas escolas, e depois de muita luta e pesquisas de educadores e outros profissionais que defendiam a importância das artes para a educação e o ambiente escolar, com a atual Lei de Diretrizes e Bases, “Artes” foi reconhecida como disciplina obrigatória na educação básica.

Esse processo de valorização e inclusão da arte nas escolas se deu principalmente porque os educadores começaram a enxergar e defender o papel da arte na educação escolar, e começaram a utilizá-la de forma intencional, e não apenas de forma recreativa e utilitária. Para Ferreira, “[...] as artes devem estar presentes no currículo escolar não por suas contribuições nesses campos de desenvolvimento, mas pelos benefícios que apenas as artes, e nenhuma outra área de estudo, podem oferecer à educação” (FERREIRA, 2001, p. 12 apud BIESDORF E WANDSCHEER, 2011, p. 8).

Quando utilizamos da arte de maneira intencional, incluindo-a em suas diferentes formas, (desenho, pintura, escultura, música, dança...), nos processos educativos de diversas áreas do conhecimento, seja Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, a arte toma um caráter de potencializadora de aprendizagens, reveladora de aptidões e criatividade, sensibilizadora e construtora de pensamento crítico, e transformadora. “Um modelo educacional que não privilegia a arte é incapaz de levar o ser humano à sua aretê, ou seja, a atingir a sua excelência” (RABELO, 2018, p. 20).

Enquanto quando damos a artes apenas o papel recreativo e utilitário, o uso dela se restringe a passatempo ou a uma ferramenta, sendo útil apenas para momentos em que não há a intencionalidade pedagógica clara, ou quando a arte não é um objeto ou experiência de estudo, e sim uma mera ferramenta de representação.

4. O desenho infantil

Dentro de todas as modalidades da arte, escolhi o desenho como foco para desenvolver minha tese que defende a importância dos educadores estudarem as cores - suas influências e significados - nas produções das crianças da Educação Infantil.

Escolhi o desenho, pois ele é uma das práticas artísticas mais presentes na infância, e no contexto escolar. O desenho exige poucos recursos, apenas riscadores (lápiz, giz, canetinha, carvão...) e um suporte (folha, lousa, tela...), esse é um dos motivos pelo qual ele é tão popular e tão utilizado, tanto no contexto do lar quanto o escolar.

Outra razão da sua popularidade, é que o desenho é um dos meios mais rápidos de expressar uma ideia, um sentimento ou pensamento. Muitas vezes, quando as palavras não bastam, nós, adultos, utilizamos do desenho como suporte para explicar o que estávamos querendo dizer. Com a criança não é diferente. Ela utiliza do desenho para se expressar e se comunicar. Afirma John Matthews que “desenhar para os mais novos é como uma conversa e tem uma estrutura conversacional” (MATTHEWS, 2003, p. 20 apud SARMENTO, p. 16). Isso pode acontecer, pois a criança ainda não domina a linguagem escrita, ou totalmente a oral (em muitos casos), mas também porque o desenho é uma forma muito prazerosa e cativante de se expressar. “O desenho comunica e atribui sentido às sensações, sentimentos, pensamentos e realidade, por meio de linhas, formas, traçados e **cores**.” (HANAUER, 2013, p. 77).

“A sensação tátil do lápis. A surpresa da marca na superfície. O poder de controlar os rabiscos. A satisfação de produzir algo. A descoberta da diversão do desenhar...” esses são alguns dos pequenos prazeres que a criança sente ao desenhar, de acordo com Melissa Haag Rodrigues, em sua pesquisa sobre a análise do desenho infantil (RODRIGUES, 2007, p. 20). “De acordo com Cox (1995) a maioria das crianças sente prazer natural em desenhar” (GONÇALVES, 2014, p. 21).

No entanto, apesar do desenho ser um processo quase natural para as crianças, “ninguém nasce sabendo desenhar, mas uma atividade sociocultural que pode ser aprendida” (LEITE, 2005 apud GONÇALVES, 2014, p. 23). Se a criança tem alguém que a incentive a produzir arte, ela vai, aos poucos, explorando e se apropriando da atividade, e desenvolvendo todas aquelas habilidades (biológicas e culturais) que citamos antes, como: o desenvolvimento motor fino; o aprimoramento da atenção e do foco; o estímulo da criatividade; o autoconhecimento, o desenvolvimento da socialização, a descoberta de novas aptidões, entretenimentos e etc....

“Consideramos o desenho, objeto deste estudo, como instrumento cultural por meio do qual a criança simboliza gráfica e iconicamente os objetos, os

seres e suas relações, importante para o desenvolvimento não só o escolar, mas, também, o social, por promover a comunicação com o outro” (VYGOTSKY; LURIA, 1996 apud GONÇALVES, 2014, p. 20).

O educador, que proporciona oportunidades de explorar o desenho, além de incentivar o desenvolvimento das habilidades citadas acima, pode propiciar a seus alunos várias experiências artísticas, sensibilizar o olhar de seus alunos acerca dos seus pares e do mundo que a cerca, e, principalmente, produzir um documento que ele pode usar como ferramenta pedagógica de sondagem e análise.

Acredito que essa última parte seja de fundamental importância para o desenvolvimento da minha tese, que defende o estudo das cores nesses desenhos das crianças. O educador que sugere e incentiva atividades artísticas para as suas crianças, principalmente o desenho - por ser uma atividade em que as crianças se sentem muito confortáveis fazendo e se engajando bastante -, acaba fazendo com que documentos valiosos de investigação pedagógica sejam produzidos pelas crianças.

Para entender um pouco melhor o desenho da criança, talvez seja interessante entender que de fato, desde os primeiros rabiscos sem muita intencionalidade ou técnica, até o surgimento de representações humanas e formas propriamente ditas, podemos observar e identificar padrões no processo de desenvolvimento do desenho das crianças. Por conta dessas invariantes, diversos profissionais como Luquet e Piaget, se comprometeram a identificar “fases” no desenvolvimento do desenho da criança, como, por exemplo, as fases de Piaget: a garatuja - desordenada e ordenada; pré-esquematismo; esquematismo; realismo; e pseudo-naturalista.

Porém, acredito que a visão de Vygotsky acerca do desenho seja mais interessante para esta pesquisa, pois apesar de entender esses padrões e essas invariantes no desenvolvimento do desenho da criança, ele não foca seu trabalho na divisão de etapas do processo dando a maior ênfase ao desenvolvimento do desenho a partir do processo biológico. Mas, sim - sem ignorar o processo biológico - ele dá ênfase ao processo histórico sociocultural do desenvolvimento do desenho. “Para Vygotsky, o desenho tem importância enquanto expressão observável da imaginação criadora humana e da constituição social da imaginação enquanto função psicológica cultural, redimensionada pelo pensamento verbal.” (ZOPELARI, 2007, p. 23).

A perspectiva de Vygotsky foi muito importante para esta pesquisa, pois o seu objeto de estudo “não é o grafismo infantil em si, mas, sobretudo a relação entre a imaginação criadora, e a criação artística em geral da criança” (ZOPELARI, 2007, p. 24). Da mesma forma que o desenho e as cores não são o meu objetivo de estudo, e sim, a relação deles

com a psique infantil e como utilizamos das informações que colhemos com estes estudos para melhorar a prática do educador, a fim de propiciar o desenvolvimento pleno da criança.

II. Arte das Cores

Para destacar a importância do estudo do uso das cores nos desenhos das crianças da Educação Infantil - tive que, além de pesquisar sobre a arte e o desenho, pesquisar sobre as cores. Já havia lido um pouco sobre a Teoria das Cores de Goethe, e também sobre a Psicologia das Cores de Heller, mas, para esta pesquisa, realizei estudos mais profundos sobre a temática das cores e todo o tempo procurei unir as informações adquiridas ao universo do desenho infantil e da educação.

Em um primeiro momento, irei apresentar algumas ideias centrais de estudos das cores, depois irei discorrer sobre significados e efeitos psicológicos das cores e, por fim, vou discorrer sobre o uso intencional das cores.

1. Estudos das cores

Um dos nomes mais presentes quando estudamos as cores é o de Johann Wolfgang von Goethe, nascido em 28 de agosto de 1749 na Alemanha. Pai da “Teoria das Cores”, ou “Doutrina das Cores”, Goethe dedicou grande parte da sua vida aos estudos relacionados a essa temática e aos romances e poesias, mas, na verdade, sua formação original era em direito. Em sua obra (1810) ele contrapõe-se à visão de Newton - estudioso mais conhecido e consagrado da comunidade científica a estudar as cores e a luz. Essa contraposição não se sustentava apenas porque Goethe não concordava com Newton em algumas informações técnicas, mas sim porque ele defendia a presença de alguns aspectos subjetivos das cores e da luz que a teoria de Newton não abordava. Por conta desse aspecto, selecionei Goethe para estudo mais profundo das cores, pois minha tese consiste justamente na importância da análise e interpretação da subjetividade e simbolismo das cores nos desenhos das crianças. Minha intenção aqui não é defender qual dos dois está certo ou errado, minha escolha de focar os meus estudos na teoria de Goethe foi justamente por conta de sua visão um pouco mais artística e psicológica acerca da temática, que acaba sendo mais interessante para a minha análise.

Para entender a teoria de Goethe, temos que ter em mente que, para ele, os fenômenos das cores encontram-se no sentido da visão, representada frequentemente pelo olho humano:

“Essa maneira de interpretar os fenômenos não poderia ser diferente, tendo em vista que para o poeta o homem e a natureza estavam intrinsecamente ligados, uma vez que a natureza se revela aos nossos sentidos e sobre ela, e com base em nossas sensações, realizamos nossas observações e tiramos nossas conclusões. Ou seja, a chave para a solução dos mistérios que envolvem a natureza, encontra-se no próprio homem. Sendo assim, o

sujeito e o objeto fazem parte da mesma construção” (DE BRITO e DE OLIVEIRA REIS, 2016, p. 291).

Goethe explica que as cores surgem com uma espécie de “choque” que os olhos humanos sofrem mediante a exposição à luz externa. Logo, enxergamos o mundo ao redor a partir da ação da luz sobre o olho humano. Apesar dos estudiosos, Goethe e Newton, entenderem que, de fato, há uma relação entre as cores e a luz, eles divergem em um ponto. Para Goethe, a luz e as cores fazem parte de um fenômeno captado e interpretado pelos nossos olhos, enquanto Newton acreditava que as cores derivam da luz. Para Goethe enxergamos as cores do mundo à nossa volta através da ação da luz sobre o olho humano, enquanto Newton acreditava que as cores surgiam a partir da atuação da luz sobre os corpos (objetos):

“O pensamento científico à época de Goethe estava fortemente baseado em pilares que rejeitavam quaisquer esquemas metafísicos para a interpretação de fenômenos da natureza e é nesta concepção que o pensamento newtoniano se insere. Goethe, em contrapartida, privilegia conceitos capazes de contemplar fatores metafísicos e subjetivos como as sensações causadas ao sentido da visão diante do fenômeno da luz...” (DE BRITO e DE OLIVEIRA REIS, 2016, p. 291).

Por conta deste caráter metafísico e subjetivo em sua teoria das cores, Goethe teve, por muito tempo, seus estudos científicos praticamente repudiados pela comunidade, foram desprezados e não compreendidos na sua essência. Porém, Goethe, com sua interpretação quase poética sobre os fenômenos cromáticos, abriu portas para novos estudos muito relevantes sobre as cores. Esses estudos serão de fundamental importância para o desenvolvimento da minha tese, pois nesta pesquisa não tenho como objetivo utilizar as partes técnicas da Teoria da Cores e da construção dos fenômenos cromáticos - nem de Goethe, e nem de Newton - mas sim as partes mais subjetivas e simbólicas, e, para isso Goethe se fez muito útil.

“Goethe introduz afirmações sobre as cores no sentido de que elas têm caráter próprio, que cada cor tem uma atuação característica sobre o psiquismo humano: elas nos causam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares. E ainda que se possa tomar a cor (na pintura, por exemplo) sob uma perspectiva simbólica, uma análise mais aprofundada revelará sempre um elemento objetivo, que é o caráter de cada cor, combinado ao simbólico denotado.” (POSSEBON, 2009, p. 27).

Hoje, a Psicologia das Cores esclarece a relação do comportamento humano com as cores. Por isso, para complementar meus estudos, selecionei a pesquisa de Eva Heller acerca desta temática. Em seguida, irei apresentar seu trabalho e discorrer sobre as cores e os sentimentos.

2. As cores e os sentimentos

Para falar com mais propriedade sobre a relação das cores com os sentimentos, sensações e o comportamento humano selecionei o livro *Psicologia das Cores* de Eva Heller. A autora nasceu em 1948, também na Alemanha - assim com Goethe, e faleceu em 2008 no seu país de origem. Heller estudou sociologia e psicologia na Universidade Livre de Berlim, e seguiu o foco na carreira como escritora, publicando romances, livros infantis e livros de não-ficção. Seu livro de mais sucesso foi justamente o que selecionei para esta pesquisa, *Psicologia das Cores - Como as cores afetam a emoção e a razão*, lançado apenas em 2012 e utilizado como bibliografia em diversas áreas como a arquitetura, moda, publicidade, psicologia, educação, e entre outras.

Para este livro, Heller realizou uma pesquisa consultando 2 mil homens e mulheres com idades entre 14 e 97 anos de diversas profissões na Alemanha. Durante a pesquisa, Heller perguntou para os participantes suas cores prediletas, as cores que menos gostavam, os porquês, sobre os efeitos que as cores podem ter em nós e sobre a cor típica de cada sentimento. Cento e sessenta diferentes sentimentos e características foram dadas as cores específicas, esses sentimentos foram diversos, do amor ao ódio, da alegria a tristeza, da feiura a beleza...

“Os resultados das pesquisas demonstram que as cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual - são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento. Com o auxílio do simbolismo psicológico e da tradição histórica, esclarecemos por que isso é assim.” (HELLER, 2012, p. 17).

Heller diz que nós, seres humanos, conhecemos muito mais sentimentos do que cores, e que, muitas vezes uma só cor pode produzir muitos efeitos, até mesmo efeitos contraditórios. O vermelho é um exemplo clássico disso, dependendo do contexto que ele está aplicado, ou das vivências daquela pessoa que está enxergando esta cor, o vermelho pode significar amor e a paixão, mas ainda pode significar ódio e a brutalidade, pode significar nobreza, mas também simboliza a vulgaridade. De qualquer maneira, as sensações e características dadas ao vermelho se repetem diversas vezes, mostrando que, apesar desses efeitos contraditórios, podemos observar ainda um padrão muito claro de reação acerca da cor.

Ao longo do livro, Heller constrói acordes cromáticos, que são compostos por cada uma das cores que estejam mais frequentemente associadas a um determinado efeito. E os resultados da pesquisa, e desses acordes feitos nos mostram: as mesmas cores estão sempre associadas a sentimentos e efeitos similares. As mesmas cores que, por exemplo, associam a tranquilidade, são encontradas nos acordes cromáticos da segurança.

Heller enfatiza “não existe cor destituída de significado” (2012, p. 18). Quando escolhemos uma cor, ou quando nos deparamos com ela, seja ela qualquer cor, de maneira consciente ou inconsciente atribuímos um significado a ela, uma sensação, um sentimento. E, de acordo com essa informação, nossos comportamentos e nossas tomadas de decisões sofrem mudanças.

Heller explica que, ao contrário do que os estudiosos diziam, as cores são mais do que um fenômeno ótico, um instrumento técnico. Nessa parte me recordo da importância que os estudos de Goethe - apesar de serem por muito tempo fortemente renegados pela comunidade científica - tiveram para que as cores começassem a serem vistas além das suas informações técnicas.

Normalmente os teóricos das cores diferenciam as cores como primárias (vermelho, amarelo e azul); secundárias (verde, laranja e violeta); e as mistas ou subordinadas (rosa, cinza e marrom); as cores preto e branco não consideradas cores “verdadeiras” para alguns teóricos.

Neste livro, todas as cores são tratadas como igualmente importantes, e não como subordinadas umas das outras. Por exemplo, apesar do rosa ser derivado do vermelho em sua composição, ele causa uma impressão totalmente diferente da do vermelho. Além disso, Heller também considera prata e ouro como cores em sua pesquisa.

Ao todo, são essas 13 cores que serão abordadas na pesquisa e no livro de Eva Heller. Irei falar um pouco sobre cada cor (de acordo com a ordem proposta no livro), e abordar, de forma resumida, as impressões que elas mais causam de acordo com os acordes cromáticos apresentados pela autora. “Em termos estatísticos, os acordes cromáticos são absolutamente confiáveis. Aliás, se a pesquisa fosse repetida, a porcentagem de algumas cores individuais poderia sofrer uma pequena alteração; contudo, as cores mais citadas permaneceram as mesmas” (HELLER, 2012, p. 19).

As cores:

Azul: A cor “predileta” (de 46% dos homens e 44% das mulheres)

A cor da simpatia, harmonia, fidelidade...

A cor da tristeza, frieza, distância...

Cor do divino e das virtudes intelectuais

Cor com efeito calmante

Está em dominância em quase todos os setores, menos o dos alimentos e das bebidas.

Muito presente em roupas - exemplo: jeans. Cor de muitos uniformes.

O pigmento mais caro do mundo (tom azul ultramarino custa 15.200 euros o quilo)

*Reflexão apresentada no livro: Será que as pessoas simplesmente depositam as melhores qualidades e características nas suas cores prediletas? Não, pois as pessoas que escolheram o vermelho ou o preto como cores favoritas também atribuíram ao azul as características citadas.

Vermelho: A cor do amor, da paixão, do erótico...

A cor do ódio, da brutalidade, da agressividade

Cor do atraente, mas ainda do perigo

Cor da realeza, também a cor do comunismo. Representa força

Cor do sangue e do fogo. Representa intensidade

Muito acreditam que afasta o "mau olhado"

Cor do imoral. Vermelho do Diabo, Rouge das meretrizes, Ruivo das bruxas.

Cor que pode causar irritabilidade, agressividade e impaciência

Amarelo: Seu efeito depende muito das cores que são combinadas a ela

Cor da jovialidade, da alegria e do otimismo...

A cor da irritação, do alerta...

Cor do sol, revigorante

Cor do ouro, dos louros, dos Deuses

Mas também a cor da acidez e da inveja (talvez por ser muito relacionada a riqueza, ouro)

Cor berrante, da advertência, das sinalizações

*Reflexão apresentada no livro: Na Bauhaus, escola de arte e desenho, se discutia muito sobre qual forma geométrica melhor se adequa a cada cor. Quando se discutia as três cores primárias - azul, vermelho e amarelo - o círculo e o quadrado eram um motivo de discordância. Alguns artistas e professores achavam que o vermelho melhor se adequava ao quadrado, outros acreditavam que o azul faria melhor o papel, o mesmo com o círculo, mas, uma coisa era unânime: o amarelo sempre era a cor do triângulo. Heller chama o amarelo de “pontudo”. Me pergunto: Será que essa impressão que temos deve-se ao fato do amarelo ser uma cor estridente? Será que relacionamos o amarelo às pontas dos raios de sol?

Verde: Cor da fertilidade, da esperança, da saúde...

A cor do venenoso, do nojo

A cor do dinheiro, da burguesia

A cor da natureza, do frescor, da liberdade...

Cor com efeito calmante

Preto: A “não cor” (Newton - Teoria Ótica: se o branco é a soma das cores, o preto é a ausência delas)

Cor da morte, do luto, da sujeira

A cor da elegância

Cor do azar

A cor do poder

A cor preferida pelos designers (objetiva) e pelos jovens (quanto mais jovem, maior a preferência pelo preto)

A cor da moda

Branco: A cor soma de todas as cores da luz (Newton - Teoria Ótica)

Cor do bem e da perfeição

Cor da inocência e dos espíritos

A cor do feminino, da noiva (muito relacionada a passividade)

Cor da pureza, da limpeza

A cor da paz

Cor dos minimalistas

Laranja: Cor da criatividade, da recreação e do lúdico

Muito relacionada ao universo infantil

Cor subestimada (uma das mais rejeitadas no teste de preferência)

Uma das cores menos citadas nos acordes cromáticos

Cor com poucas variações de tom (45 tons citados no livro)

Cor exótica (demorou para ser conhecida - Goethe a chamava de vermelho amarelado)

Cor penetrante e energética

Violeta: A cor do poder e dos soberanos (a vestimenta púrpura era exclusiva pois demorava anos para ser feita)

O pigmento mais raro na natureza (a primeira cor sintética)

A cor da teologia (púrpura) e da magia

A cor do chakra do cérebro

Cor do feminismo (cor muito utilizada pelas sufragistas)

Cor da homossexualidade (isso se dá por conta da mistura do rosa e azul - cores estigmatizadas como feminina e masculina, respectivamente)

Cor dos hematomas, relacionada à violência

Cor muito relacionada à vaidade e extravagância

Rosa: A cor da delicadeza e do charme

Cor tipicamente feminina (estigmatizada)

Muito relacionada ao universo infantil

Cor da nudez (remete a cor da pele clara)

Muito relacionada ao universo da confeitaria

Cor do choque (rosa choque)

Ouro: Cor do ouro

Representa a riqueza, o dinheiro, o luxo e a ostentação

Cor que remete à beleza e à raridade/exclusividade

Pode remeter a felicidade (vermelho, verde e dourado é o acorde da felicidade - amor, saúde e dinheiro)

Cor da fama e da honra (prêmios, medalhas, troféus...)

Nas cores “tradicionais” é representada pelo amarelo

Cor extravagante e intrusiva

Prata: Cor da velocidade e modernidade (muito usada pela marca de automóveis Mercedes Benz)

Cor do dinheiro (como o ouro, o prata tem valor econômico elevado)

Considerado mais elegante que o dourado

Cor da lua e da noite

Sugere frieza (constituída pelas cores branco, azul e cinza - todas cores frias)

A cor menos citada durante a pesquisa

Marrom: A cor mais rejeitada da pesquisa

A cor do aconchego

Remete a sujeira, excrementos e dejetos

Cor do antierotismo

Cor do sabor (assados, café, chocolate...)

Cor dos pobres (vestimentas sem tingimento, na cor cru da lã, das peles e do linho - as vestimentas tingidas eram caras e símbolo de status)

A cor da burrice

A cor de quem quer passar despercebido

A cor da pele negra e da bronzeada pelo sol

Cinza: A cor do tédio

Cor da insensibilidade

Neutra

Parece que seu tom muda de acordo com a cor que o acompanha

Não tem força (o branco está sujo e o preto está enfraquecido)

A cor dos sentimentos sombrios (depressão, ansiedade...)

Remete à velhice (grisalhos), ao passado e ao esquecimento (neblina, nebuloso)

Cor da de algo que está destruído (cinzas)

Goethe diz que a soma de todas as cores é o turvo, o cinza.

3. O uso das cores

Da mesma forma que as cores causam sentimentos e sensações nas pessoas, as cores podem serem utilizadas pelas pessoas para expressar sentimentos e sensações. Esse processo pode ocorrer de maneira consciente - quando a pessoa sabe do efeito e o que aquela cor representa, e usa isso ao seu favor - ou de maneira inconsciente - quando a pessoa, impactada com o que as cores nos provocam, acaba utilizando sem nem perceber essas cores para se expressar.

Normalmente, as crianças utilizam desta ferramenta de forma inconsciente. Eles, ao receberem toda a vida informações e estímulos socioculturais onde cores estavam ligadas a

sensações e sentimentos, acabam internalizando essa relação (sentimento/sensação X cor) e a reproduzindo para se expressar.

Um exemplo de quando esse processo acontece de forma inconsciente é a pesquisa realizada por Machado e Gioia-Martins (2002), que consistia em analisar desenhos de crianças numa enfermaria pediátrica de um hospital público e verificar mudanças nas produções após a aparição de profissionais fantasiados de palhaços (doutores da alegria):

“A pesquisa consistiu em solicitar desenhos livres às crianças aos quais elas tinham que atribuir alguma história, após isto os doutores da alegria adentravam no leito, depois era solicitado outro desenho. As autoras perceberam que, após a atuação dos palhaços, os temas dos desenhos foram mais positivos, aparecendo neles cores mais alegres, tal como o vermelho e o rosa, enquanto que, no primeiro, prevaleceram cores como o roxo e o preto.” (SILVA, 2010, p. 453).

“Através dos traços feitos pela criança, **até mesmo pelas cores usadas**, o professor consegue perceber o que está acontecendo com ela, e que pode estar levando-a ao fracasso escolar.” (DA SILVA, 2010, p. 99). Daí se dá a importância do educador reconhecer esse processo da cor como ferramenta de expressão, e valorizar as informações colhidas para análise.

Mas, o educador pode também ensinar a criança a utilizar as cores de forma consciente. Ele pode fazer isso ao apresentar os sentimentos/sensações geralmente associadas com cada cor, e, a partir daí, ensinar suas crianças a utilizarem dessas informações para se expressar. Exemplo: mostrar que muitas vezes o vermelho está relacionado à raiva, e o azul a tristeza - e explicar para criança que, se quiser, ela pode usar essas cores para expressar quando estiver se sentindo assim.

Essa possibilidade de trabalhar as cores e os sentimentos de forma consciente pode ser muito interessante para o desenvolvimento socioemocional e as habilidades comunicativas da criança, pois, com isso, ela adquire uma nova ferramenta para usar sempre que estiver com dificuldade de se expressar com palavras, por exemplo. Ao ensinar isso para as suas crianças, o educador faz com que a análise das cores nos desenhos das crianças pode ser mais direta e assertiva.

As duas formas de se trabalhar com as cores e sentimentos/sensações - consciente e inconscientemente - são interessantes e podem ser muito proveitosas para as crianças e para o educador que for analisar os desenhos dessas crianças. Nas duas opções o educador pode colher informações preciosas para entender melhor seus alunos e pensar em estratégias para trabalhar com aqueles indivíduos. Em uma delas, o processo é mais

orgânico e pode ser mais complexo de se analisar, e, no outro, o processo é mais guiado, objetivo, e as informações para análise vão estar mais claras.

III. O trabalho com a arte das cores no processo educativo

Para que o estudo das cores nos desenhos das crianças seja possível, o educador, ou profissional da educação, deve primeiro valorizar a arte como objeto de estudo. As crianças apenas desenvolverão a sua sensibilidade artística e trabalharão suas subjetividades se elas tiverem um incentivo para que isso aconteça.

A arte na escola é muito mais do que um passatempo ou uma atividade descontextualizada apenas usada em momentos de recreação. A arte é uma ciência e deve ser tratada nas escolas com a devida seriedade e reconhecimento que merece, afinal de contas, ela é uma grande aliada do desenvolvimento infantil pois potencializa aprendizagens, incentiva a criatividade e a criação, e revela sentimentos e aptidões.

Segundo Candau (2008),

“[...] não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto que se situa. Nesse sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura (s). Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de íntima articulação”. (CANDAU, 2008, p.13 apud MEDEIROS, 2010, p. 16).

A arte trabalha a cultura de forma interdisciplinar, e, como já dito antes, ela faz isso de maneira prazerosa, que interessa o educando e o ajuda a desenvolver diversas habilidades, sejam elas biológicas (como, por exemplo, o desenvolvimento motor) ou culturais (como, por exemplo, o desenvolvimento socioemocional).

Depois que o educador entende a importância da arte na educação, ele deve se comprometer a incorporá-la na sua prática pedagógica. Isso não é uma tarefa fácil, pois muitas vezes introduzir esse tipo de conteúdo na sala de aula sai do poder apenas do educador, envolve ainda a coordenação e toda a gestão escolar.

Por isso, não apenas o educador deve ter como verdade para si a importância da arte para a educação, mas toda a comunidade escolar! A escola deve trabalhar sempre em união e deve ter claro seus posicionamentos e sua maneira de educar, sempre socializando e discutindo com sua equipe o que faz sentido e o que é importante ser aplicado dentro daquela realidade daquela escola. Aqui se faz muito importante o trabalho da gestão.

A gestão tem um papel fundamental de mediação entre seus profissionais, para que os valores, regras e projetos da escola estejam claros para todos. No ensino da arte e na valorização das subjetividades que a arte possibilita, a gestão pode, além de orientar seus

funcionários, promover ações pedagógicas que trabalhem a arte e a linguagem artística. Se a gestão se posiciona em prol da arte, e socializa no meio institucional a importância da subjetividade, ela se torna uma grande aliada na valorização da arte, fortalecendo e impulsionando o aprendizado dos alunos.

Para que essa postura permeie toda a escola, trago outra questão que acaba sendo muito importante na gestão: a formação continuada de seus profissionais. Se os gestores incentivam a reflexão crítica acerca da prática educacional e disponibiliza ferramentas (palestras, reuniões, cursos...) para estudo e trabalho com as cores e a arte, os educadores têm a oportunidade de repensar suas práticas, ressignificar seu trabalho e implementar em suas aulas a arte e a valorização das subjetividades, de modo a utilizar do potencial multidisciplinar e multifacetado que a arte tem.

Se a gestão tiver essa postura, ela permite que o ambiente evolua e procure sua melhoria sempre:

“A implementação de mudanças mais profundas na escola, que possibilitem uma melhor adequação às novas demandas sociais, proporcionando uma educação de qualidade requer alteração na concepção de gestão das organizações escolares. Aquele modelo de gestão que utiliza processos mecânicos de decisão e repetição acrítica das velhas soluções, terá que ser substituído por um novo modelo, mais dinâmico e flexível que possibilite as adaptações necessárias com a rapidez desejável” (VIEIRA, 2002, p.14 apud MEDEIROS, 2010, p. 23).

1. A intencionalidade da criança e a intencionalidade do educador

Uma das formas de garantir um bom ensino de artes é fazer com que, mesmo nos momentos em que se trabalha a arte de forma livre, o educador se comprometa a dar a devida importância para aquele momento. Afinal de contas, as possibilidades ao se fazer arte são infinitas, várias habilidades podem ser desenvolvidas ao longo do processo, seja ele, livre ou direcionado.

Em ambas as possibilidades (livre ou direcionada) o educador pode trabalhar a arte, mais especificamente o desenho, de maneira intencional. A forma livre de trabalhar com desenho em sala de aula, pode, muitas vezes, ser confundida com a utilização desse recurso apenas como um passatempo, de maneira a “manter as crianças ocupadas” enquanto o educador faz outra coisa como: organizar a sala, corrigir atividades, preparar materiais e etc.

Mas utilizar o desenho de forma livre pode ser muito proveitoso para as crianças e para o educador. Para que a utilização do desenho de forma livre não seja levada como

apenas uma atividade recreativa, o educador deve ter intencionalidade e estar comprometido a encarar aquele momento como um momento pedagógico no dia a dia escolar. Um momento em que as crianças têm a oportunidade de criar livremente, dando espaço para a sua criatividade, para a exploração dos materiais disponibilizados, para a troca com os pares, coisa que, às vezes, em atividades muito direcionadas, não acontecem com tanta intensidade.

Por conta desse processo muito rico, provavelmente o educador irá se deparar com obras diversas e complexas, e ele, deve estar comprometido a utilizar o seu tempo, expertise e atenção para analisar aquelas produções e tentar entender melhor seus alunos, suas aptidões e necessidades, podendo assim, desenvolver uma relação mais íntima com eles, além de pensar e elaborar atividades que atendam melhor aquilo que suas crianças estejam precisando.

Quanto às cores, no desenho livre, as crianças não necessariamente se prendem a usar as cores de forma “correta”, como por exemplo usar tons de marrom e verde para desenhar uma árvore. A criança pode desenhar o que ela quiser e usar as cores que achar mais adequada para ela naquele momento. Ela pode também fazer combinações de cores - ou acordes cromáticos, como Heller se refere - ou até mesmo utilizar apenas uma cor, ou nenhuma.

Cabe ao educador encarar qualquer seja o material que ele receba dos alunos como um material valioso e importante. Afinal, mesmo que ele não tenha pedido nada de maneira direcionada, ele irá receber informações daquelas obras. As crianças, mesmo que de forma livre, utilizam seus desenhos e todos os seus componentes - traços, formas e cores - para expressar algo. Muitas vezes nos deparamos com crianças com problemas de autoestima que se limitam ao uso de apenas muita cor, outra que utiliza muito cores vibrantes, pois é muito agitada, ou até mesmo uma criança que tem problemas com agressividade e sempre que pode produzir de forma livre utiliza o vermelho (experiência pessoal).

O uso do desenho de forma direcionada pode ser muito interessante para as crianças e para o educador. Quando um educador, por exemplo, pede que as crianças desenhem sua família, ou façam um desenho sobre uma história que eles trabalharam há pouco tempo, o educador acaba incentivando - da mesma forma que acontece no desenho livre - a produção de documentos de muito valor para a análise pedagógica. A diferença, é que, no desenho livre, a criança vai desenhar o que ela quiser, utilizando os recursos que ela desejar ou que sente mais aptidão, enquanto, no desenho direcionado, a criança irá

desenhar o que o educador está pedindo - mesmo que cada um trabalhe dentro da sua singularidade, usando traços, cores, materiais e abordagens diferentes.

Ao receber os desenhos, o educador poderá entrar um pouco dentro da perspectiva de cada criança acerca do que foi pedido. Por exemplo, no caso do desenho da família o educador pode analisar: se a criança já consegue desenhar figuras humanas; os símbolos que ela utiliza; se ela tem firmeza na mão para desenhar os traços e formas; quem a criança colocou mais perto dela no desenho; que cores utilizou; se alguém está faltando no desenho, se as figuras estão tristes ou felizes, e etc... No exemplo da proposta em que as crianças têm que produzir um desenho acerca de um história que foi trabalhada a pouco tempo, o educador pode observar se: a criança prestou atenção na história; se ela consegue organizar os acontecimentos da trama; se ela lembra das características dos personagens; qual cena da história mais a marcou; ou até mesmo se ela segue o direcionamento do educador ou desenha qualquer outra coisa.

Dentro da temática das cores, se o educador pede que a criança se atente a isso ao, por exemplo, utilizar a cor que representa o sentimento que expressar no desenho, ele pode analisar o que aquela criança está comunicando sobre ela. No desenho da família, se a criança utiliza cores muito frias e sóbrias como o azul ou o cinza do lápis grafite, a criança pode estar utilizando dessas cores para comunicar que está passando por um momento triste ou solitário em casa. Para que essa estratégia funcione ainda melhor, a educador pode, além de coletar as relações de cor x sentimento que a criança já tem, também apresentar obras e materiais que esclareçam essa relação, mostrando como o amarelo é frequentemente visto como uma cor alegre, por exemplo. Assim a criança já terá essa informação, e pode usar isso como uma ferramenta de comunicação e expressão.

De qualquer maneira, seja livre ou direcionado, o desenho e as informações que ele contém, como as cores, são muito preciosas para entendermos melhor cada criança e termos a oportunidade de elaborar dinâmicas, atividades ou, até mesmo, dar uma atenção especial para cada criança, de forma a desenvolver todos dentro da sua plenitude.

“Somos convidados, deste modo, perante cada desenho das crianças a interpretá-lo na polissemia das suas formas e cores, simultaneamente como: o produto singular da criação um sujeito concreto - a pessoa da criança que o desenhou: um artefacto social significativo das regras e valores culturais de inserção da criança; o objecto simbólico que exprime, ademais, um grupo geracional específico - a infância – por sua vez subdivisível em vários subgrupos etários com destrezas e capacidades gráficas diferenciadas.” (SARMENTO, 2011, p. 8).

2. Como trabalhar com a arte das cores em sala de aula

Para que as crianças de uma turma tenham o hábito de utilizar intencionalmente das cores em seus desenhos como uma ferramenta de comunicação e expressão, o educador deve primeiro acreditar na relação que nós, humanos, fazemos entre as cores e os sentimentos. Se ele não acredita, não faz sentido promover e analisar o uso e as relações que as crianças fazem das cores com os sentimentos, e talvez seja melhor elaborar outras estratégias e escolher outras técnicas de análise.

Se o educador acredita que a análise subjetiva das cores nos desenhos das crianças é válida, ele pode pensar em estratégias para colocar em pauta essas relações cor e sentimento, e pensar em ações pedagógicas para colocar em prática.

Quando o educador quer analisar o uso das cores e as relações que as crianças podem fazer com os sentimentos em suas produções livres, ele deve primeiro colocar em seu planejamento momentos em que o desenho seja contemplado. E não apenas criar essa disponibilidade para que as crianças criem livremente, mas tempo e disposição para se dedicar à análise reflexiva dos desenhos após o recebimento das produções das crianças.

Dentro desse modelo do desenho livre, o educador deve orientar as crianças que criem dentro da sua criatividade, utilizando os materiais, as cores, os traços e as formas que mais fazem sentido para o que a criança queira produzir. Esse incentivo irá permitir que a criança se sinta à vontade para criar e se expressar verdadeiramente em seus desenhos.

Gostaria de destacar que, para que essa estratégia da análise das cores no desenho livre seja bem aproveitada, o educador deve se comprometer a disponibilizar materiais diversos para que as crianças tenham o poder de escolha para se expressar melhor de acordo com as suas preferências ou afinidades.

Quando o educador propõe atividades direcionadas para analisar o desenho e as cores utilizadas pelas crianças, ele deve se preocupar em apresentar para aquelas crianças informações e reflexões acerca da temática que ele está pedindo (se pede um desenho sobre amizade, deve fazer uma introdução ao assunto, seja uma roda de conversa, a leitura de um livro...) e, se ele pede que as crianças se atentem ao uso intencional das cores nesse desenho, é interessante que, além de considerar o repertório sobre a relação cores e sentimentos que a criança já tem, o educador apresente obras que tratem dessa temática. Assim, a criança terá repertório o suficiente para produzir direcionadamente, e conseguir se expressar com mais clareza dentro da proposta.

Quando o desenho é livre, como explicado antes, as crianças utilizam do repertório que ela já possui - adquirido cultural e socialmente - para produzir e se comunicar. Ela utiliza

das relações cores e sentimentos que construiu. Mas, quando a proposta do desenho é direcionada, elas podem utilizar esse repertório breve, mas também é importante que tenham tido algum tipo de suporte sobre o tema.

O educador pode fazer rodas de conversa sobre a relação cores e sentimentos. Uma boa maneira de começar essa roda de conversa é fazendo uma sondagem das impressões que as crianças já têm do assunto, como perguntar para elas se os sentimentos têm cor, até mesmo ser mais direto e perguntar qual é a cor da alegria ou da raiva, por exemplo. Assim, o assunto irá se iniciar e o educador terá a oportunidade de apresentar essas relações e incentivar a reflexão acerca desse assunto.

O educador pode fazer leituras coletivas de livros que abordam os sentimentos e as cores. Um dos livros mais utilizados atualmente na Educação Infantil trata justamente dessa temática, é a obra de Anna Llenas, “O Monstro das Cores”. O livro conta a história de um monstrinho, inicialmente retratado todo colorido e rabiscado, confuso, pois seus sentimentos estavam bagunçados. Uma garotinha aparece e conta para o monstro que quando os nossos sentimentos estão desse jeito, bagunçados, nada funciona. Então, ela o ajuda a organizá-los. Ao longo da história ela explica para o monstro e para o leitor um pouco sobre cada sentimento e os representa através das cores. O primeiro sentimento a ser organizado é a alegria (amarelo), o segundo é a tristeza (azul), o terceiro é a raiva (vermelho), o quarto é o medo (preto/cinza), o quinto é a calma (verde), e o último sentimento, que aparece quando a menina termina de ajudar o monstrinho a organizar todos os seus sentimentos, é o amor (rosa).

Ziraldo, um dos maiores autores de livros infantis do Brasil e do mundo, também tem um livro que pode ser utilizado em sala de aula para refletir sobre a relação das cores com os sentimentos. “Flicts”, lançado em 1969, conta a história de uma cor que não é muito aceita pelas outras cores, na verdade, não é aceita por ninguém. Ziraldo, nesta obra, teve a brilhante ideia de fazer com que todos os personagens fossem cores, atribuindo os sentimentos e as emoções geralmente associados a elas. Por exemplo, na obra, a cor “Flicts” não tinha a “força” do vermelho ou a “paz” do azul. Para além da discussão sobre a relação das cores e sentimentos, nas últimas páginas do livro, com o final feliz de “Flicts”, é possível refletir com os alunos sobre autoestima, bullying, exclusão e aceitação.

Outra obra muito bacana que lida muito com a questão dos sentimentos, e indiretamente com as cores, é o filme da Pixar, lançado pelos estúdios Disney, “Divertidamente”, dirigido e escrito por Pete Docter. O filme conta a história de Riley, uma garotinha de 11 anos que está passando por um momento difícil em sua vida e, por isso,

suas emoções e sentimentos estão muito agitados e confusos. Cada sentimento no filme, é retratado como um personagem presente na “Sala de Controle”, que seria a parte de seu cérebro que lida com essas emoções. Cada um desses personagens é retratado por uma cor, por exemplo, o personagem da raiva é vermelho, a personagem da tristeza é azul. Esse filme pode ser uma ótima opção para impulsionar discussões sobre a relação das cores e sentimentos.

Existem diversas maneiras de introduzir assunto, os exemplos que dei são boas opções, mas, o educador pode sempre buscar novos materiais e estratégias para discutir as cores e os sentimentos em sala. Afinal de contas, ao fazer isto, ele está fornecendo aos seus alunos novos insumos e ferramentas para se comunicar e se expressar.

3. Quais os benefícios do trabalho educativo com a arte das cores?

Para finalizar esse capítulo, achei interessante refletir sobre os benefícios de estudar e incluir na prática pedagógica a relação cores e sentimentos nos desenhos das crianças.

Ao valorizar a arte e a sua subjetividade no ambiente escolar, estamos valorizando além do que é explícito para os olhos. Estamos abrindo oportunidades para que a criança se expresse além da palavra e da escrita, para que assim, possamos conhecê-la por inteiro e construir interações e relações.

A arte das cores é uma grande aliada no desenvolvimento da sensibilidade e da articulação dos sentimentos com as vivências e aprendizagens. Com a abertura e o incentivo da arte em sala de aula, somos capazes de colher informações que, se não valorizarmos essa ciência e toda a sua subjetividade, não teríamos acesso. A arte desperta processos internos muito relevantes, como, por exemplo, o sentir. Muitas vezes, na correria do dia a dia, não nos permitimos e não damos espaço para que possamos acessar nosso interior e entender o que se passa. Trabalhar com a arte, além de desenvolver diversas habilidades físicas, como a coordenação motora, desenvolve inclusive habilidades socioemocionais necessárias para diversos outros aprendizados.

Gostaria de destacar também que, ao trabalhar com a arte das cores na sala de aula, o educador pode colher informações muito preciosas nas produções de seus alunos. Ele pode, com o conhecimento que adquiriu sobre a arte, as cores, e suas subjetividades, analisar os elementos dos desenhos de seus alunos e desenvolver diversas dinâmicas, estratégias, projetos e atividades que propiciem processos e desenvolvam habilidades que aquela criança possa estar precisando.

Sobre isso, gostaria de incluir uma frase que quando li, concordei completamente:

“(...) a arte pode nos permitir conhecer melhor nossos alunos (e a nós mesmos) que são nossos companheiros de caminhada, descobri-los/descobrimo-nos de uma maneira que até então não havia sido possível. A arte se apresenta, na minha concepção, como reveladora. Com ela e submersos nela não é possível disfarçar sentimentos e sensações, ela é transparente, nos expõe, e não pode mais ser considerada somente como uma forma de linguagem e comunicação, já que nos incita ao questionamento, às dúvidas, ao surgimento de novas concepções e novos conhecimentos” (MEDEIROS, 2010, p. 17).

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurei expor a importância da arte das cores para as crianças, para educação e para a sociedade como um todo. Com isso em vista, enfatizamos a importância do desenho para as crianças pequenas, que muitas vezes ainda não possuem a linguagem oral totalmente desenvolvida e não tem domínio da linguagem escrita, e, por isso, encontram nos desenhos (muito comuns na Educação Infantil) uma possibilidade de se expressar e se comunicar. Foi apresentado o papel e a importância da arte das cores, não só como provocadoras de sentimentos e sensações, mas também como aliadas na socialização desses sentimentos e sensações.

Mostrei, com base em estudos, como as pessoas utilizam da cor para se expressar e descobri as variadas possibilidades para crianças utilizarem do desenho com o mesmo propósito, evidenciando como é possível que as crianças se expressem em seus desenhos por meio das cores como arte.

Apontei formas de trabalhar com as crianças as cores em seus desenhos - livre e direcionada - e, além disso, sugeri dinâmicas e materiais lúdicos para apresentar e explicar a relação das cores com os sentimentos e sensações, como, por exemplo, o livro “O Monstro das Cores” de Anna Llenas ou “Flicts” de Ziraldo. Dessa forma, com a relação cores e sentimentos mais clara, as crianças podem usar cada vez mais dessa ferramenta para se expressar em seus desenhos, de maneira mais direcionada e assertiva.

Por conta de todos os benefícios possíveis ao propor que as crianças façam desenhos onde explorem e se expressem através do uso das cores, defendo que todo educador deve ter estudo e conhecimento acerca dessa temática. Afinal de contas o compromisso de inclui-la no dia a dia da turma não beneficiaria apenas as crianças e o ambiente de aprendizagem, mas também o professor. Com as análises reflexivas sobre a arte das cores nos desenhos das crianças, o professor poderá poupar muitos esforços durante a elaboração de relatórios e caracterizações pedagógicas, por exemplo. Isso porque, as informações contidas no desenho e nas cores utilizadas podem ser muito valiosas para entender e auxiliar melhor cada criança.

“As crianças reescrevem a realidade em seus traços e cores. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo fundamental que estamos aprendendo e temos que aprender ainda mais” (GOBBI, 2010, p. 5).

A arte das cores permite trabalhar com as subjetividades por meio de métodos que analisam de forma respeitosa as crianças, não as padronizando ou encaixando em rótulos.

As informações obtidas com a arte das cores acompanham não só o estado de espírito ou desempenho pedagógico, mas as transformações e as evoluções das crianças, já que permite a livre expressão de forma autêntica e natural. Nesse sentido a arte das cores constitui uma estratégia educativa de inclusão, ultrapassando a rotulagem dada às crianças em diagnósticos, afirmando o potencial da educação nas transformações que ocorrem na infância.

Para finalizar este trabalho e reiterar a importância das cores em nossas vidas, gostaria de citar uma frase de Carlos Drummond de Andrade, presente em seu texto no Jornal Correio da Manhã em 22 de agosto de 1969, referente ao novo lançamento de Ziraldo, o livro "Flicts": "A cor ama, brinca, exalta, repele, dá sentido e expressão ao sítio ou à aparência onde ela pousa. Cores são seres individualizados e superpoderosos, que se servem de nosso veículo ótico para proclamar sua verdade." (DE ANDRADE, 1969 apud ZIRALDO, 2019 p. 7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano**. Psicologia & sociedade, v. 26, p. 22-31, 2014.

BATAGLIA, Jackeline dos Santos. **A Psicologia da Arte de Lev Vygotsky: O Desenvolvimento das Capacidades Superiores de Imaginação e Emoção no Ensino de Arte**. Universidade Estadual de Maringá, 2018.

BOMBONATO, Giseli Aparecida. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 3(1), 171-195, 2016.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 4º edição. São Paulo: Cortez, 2000.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Ed. Vozes v. 2, p. 13-37, 2008.

DA SILVA, Elizangela Aparecida et al. **Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo**. Pedagogia em ação, v. 2, n. 2, p. 95-104, 2010.

DE BRITO, Nathaly Barboza; DE OLIVEIRA REIS, José Cláudio. **A teoria das cores de Goethe e sua crítica a Newton**. Revista Brasileira de História da Ciência, v. 9, n. 2, p. 288-298, 2016.

DIVERTIDAMENTE. Direção: Pete Docter. Produção de Pixar Animation Studios. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2015.

DUARTE JR, João-Francisco. **Porque arte-educação?** São Paulo: Papirus, 1991.

FAROKHI, Masoumeh; HASHEMI, Masoud. **The analysis of children's drawings: social, emotional, physical, and psychological aspects**. Procedia-Social and Behavioral Sciences, v. 30, p. 2219-2224, 2011.

FERREIRA, Sueli Camargo. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Papirus, 2001.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

GONÇALVES, Fernanda de Sena. **O ato de desenhar: a linguagem peculiar da criança pequena**. Universidade de Brasília, 2014.

HANAUER, Fernanda. **Riscos e rabiscos: o desenho na educação infantil**. Revista de Educação do Ideau, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 13, p. 1-13, 2011.

HELLER, Eva. **Psicologia das Cores**. 1º edição, Editora Gustavo Gili, 15 de novembro, 2012.

KLOH BIESDORF, Rosane. **ARTE, UMA NECESSIDADE HUMANA: FUNÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA**. Itinerarius Reflectionis, v. 7, n. 1, 2011.

LEITE, Maria Isabel. **Nem fase de grafismo, nem exercício psicomotor: o desenho como espaço de produção cultural de crianças**. Encontros e Desencontros em Educação Infantil. São Paulo: Cortez, p. 268-274, 2005.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. 1ª edição. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

MATTHEWS, J. **Drawing and painting: Children and visual representation**. [Electronic resource]. DOI, v. 10, p. 9781446216521, 2003.

MEDEIROS, Daniela. **Gestão escolar e ensino das artes: percorrendo outros caminhos**. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), 2010.

POSSEBON, Ennio Lamoglia. **A teoria das cores de Goethe hoje**. Universidade de São Paulo, 2009.

RABELO, Marcelo Dias. **A importância da arte na formação educacional do ser humano**. Revista Pandora Brasil, p. 19-29, 2018.

RODRIGUES, Melissa Haag. **Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet**. Revista da UNIFEBE, v. 1, n. 8, p. 19-34, 2010.

SANTOS, Sebastião. Estudo de caso – **A interpretação do desenho infantil**. Educareducere. Ano XV, n. 1-II, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas**. Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Josianne Maria Mattos da. **O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas**. Fractal: revista de Psicologia, v. 22, p. 447-456, 2010.

SOUZA, Iara Txai Pimentel de. **A arte das cores na educação infantil: diálogos com Goethe, Steiner e Vigotsky**. Universidade de Brasília, 2018.

STEINER, Rudolf. **A arte da educação II**. Editora Antroposófica. 1988.

VIEIRA, Alexandre Thomas. **Construindo uma nova escola**. VIEIRA et al. Formação de gestores escolares para a utilização de tecnologias de informação e comunicação. São Paulo, SP: Takano Editora e Gráfica, 2002.

VIGOTSKI, L. S.; **Psicologia da arte**. (Paulo Bezerra, trad). São. Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R. **A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. LL Oliveira, Trad.) Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

ZIRALDO. **Flicts: Edição Comemorativa de 50 anos**. 1ª edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2019.

ZOPELARI, Lauri de Freitas Petilli. **Desenho: uma forma e desenvolvimento infantil**. Faculdade de educação São Luís Jaboticabal - SP, 2007.